

Entre o ímpeto criativo e ação política: como pensar a educação a partir de Hannah Arendt e Nietzsche?

RESUMO

Hannah Arendt e Nietzsche oferecem diagnósticos do presente: ela aponta a condição apolítica a que se encontram os humanos – quando da sobreposição das relações de produção e consumo ao primeiro plano; ele identifica na incultura moderna o engessamento do ímpeto criativo – tão caro à espécie humana. Ambos apontam a crise na Cultura e com ela a configuração da Educação em *tempos sombrios*. É com Hannah Arendt e Nietzsche que percebemos o risco que se submete o mundo moderno ao imperar em seu cerne o homem *reprodutor* de um saber estéril, técnico e que perdeu há muito a capacidade de agir junto à condição de pertencer ao mundo. Este texto acolhe o esforço reflexivo dos dois pensadores e propõe uma direção que evidencie a necessidade de pensar a Educação como essencial na formação de um novo homem.

Palavras-chave: Educação; Criação; Ação; Arendt; Nietzsche.

ABSTRACT

Hannah Arendt and Nietzsche offer a Picture of the present: she draws the attention to the non-political condition which live the human beings - when the overlap of the relations of production and consumption to the forefront, he identifies in uncultured modern the crystallization of creative impetus - so important to the human species. Both address the crisis in the culture and with it the setting of Education in dark times. It is with Hannah Arendt and Nietzsche that we notice the risk that undergoes the modern world to reign in his heart the man as a breeder of an empty and technical knowledge, in which they lost in the long run, the ability to act as of belonging to the world. This text welcomes the thoughtful efforts of the two thinkers and proposes a direction which shows the necessity of thinking about education as essential in the formation of a new man.

Key words: Education; Creation; Action; Arendt; Nietzsche.

* Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRN.

Para além da empreitada de apurar embates e disparidades no legado filosófico de Nietzsche e Hannah Arendt, faz-se intenção, nesse texto, acolher a reflexão que ambos lançam a partir de suas experiências contextuais. E, com eles, e através do diagnóstico apresentado, lançar entendimentos acerca das condições do mundo moderno, examinando, também, a configuração da Educação nesse ínterim, onde lhe ressoam as possibilidades de pensar em como as coisas poderiam ser de outra forma. Todavia, naturalmente, procurando a sóbria distância daquele psicologismo de ordem emotiva que não serve como tratamento crítico de problemas educacionais. Afinal, se não é com a Filosofia que o processo educativo pode ser pensado, tampouco todo o reconhecido esforço das pedagogias tem estrutura para manter-se firme nessa complexa tarefa. Entendendo que a atividade filosófica forneceu e fornece às gerações os meios para que pudessem pensar em suas próprias direções e práticas, nem é necessário que se justifique o momento em que se alia à reflexão acerca do processo educacional-formativo. Dos fatos – lançados, aleatórios – não ressurgem antídotos para seus entraves mais abstrusos. Os imperativos que o mundo moderno empreende em seus indivíduos constituintes dissipam-se com tamanha intensidade que só a reflexão filosófica adicionada, em sentido restrito, às metodologias formativas, pode fornecer um caminho a ser percorrido pelo pensamento dos mais sãos. Nietzsche e Hannah Arendt, por exemplo, ao pensarem o mundo, não se esquivaram da ocupação elementar de se ater com os questionamentos vinculados aos valores da Educação, embora não lhe tenham sido esta uma ocupação central.

Ademais, os hiatos entre o percurso arendtiano e nietzschiano não são poucos, mas tanto um quanto o outro pode ser galgado para que a Educação possa ser conduzida, se entendemos que é através dela que podemos pensar a formação de um novo homem. É possível vislumbrarmos a força que insurge da necessidade de proporcionar ao humano os elementos interpretativos ao seu próprio tempo. Para que, então, com a – e a partir da – crítica, a liberdade de um pensamento que não se agrega aos imperativos da técnica e da síntese vigore com aquele entusiasmo que

Nietzsche fez ecoar com vida própria. Assim seria com a sugestão da retomada do homem intuitivo, aquele que mais instaura o sentir e o experimentar – valores essencialmente humanos que, do contrário, a atividade racional fez anular. Quando os ecos da afirmação do que representa ser humano vem a ressoar na filosofia de Nietzsche, quando a vida em potência vem se insurgir contra valores sintéticos das relações mercadológicas, é com a voz de sua literatura filosófica que o processo educativo pode ser pensado. O que, afinal, teria Nietzsche a pronunciar a gerações que já não experimentam valores estéticos originais, quando da deturpação da própria Arte – mantida a serviço das trocas comerciais? Em que medida a pressa mercadológica do saber condicionado mantém encarcerado o homem que já não valida sua força intuitiva e sua possibilidade de *ser-mais*? A figuração estilística nietzschiana instaura, a partir dela mesma, a própria fluência e inconstância que a atividade do pensamento perdeu quando sobrepôs os blocos conceituais – a codificação e decodificação dos dados – tão necessários aos imperativos científicos.

Figuração que, em Hannah Arendt, por sua vez, aparece com outra roupagem e mediante a sobriedade de argumentos certos: é o sentido da política nesse palco de imperativos mercadológicos que sua reflexão vai investigar. A ação política – em um mundo que descarta até mesmo o pensamento crítico – adicionada ao *amor mundi* – quando não há interesse no cuidado com as gerações e em nada, aliás, que extrapole a relação produção e consumo. Se Nietzsche faz valer o sentir, o expressar e se é com Hannah Arendt que conjugamos o agir e o pensar, o que suas filosofias têm a oferecer ao palco das vivências humanas, se pensados através daquela atividade fatigada e que há muito o mundo moderno solapou aos seus interesses? E, afinal, se não é a Educação a mediadora ou, antes, o alicerce de onde ressurgja a valoração original dos interesses humanos, como legar à humanidade a responsabilidade pelas gerações futuras?

Com Hannah Arendt

Detectar a crise é, antes, entendê-la como momento imprescindível para se ana-

lisar as práticas vigentes e ativar o questionamento de como as coisas poderiam ser de outra forma. Assim o faz Hannah Arendt, quando fomenta uma reflexão a partir da condição do mundo moderno. É seguinte o diagnóstico: o mundo moderno solapou os valores clássicos e a liberdade confinou-se à demarcações individuais. A atitude política, que sem a liberdade nada significa, mantém-se confinada à sombra de interesses deturpados, manipuláveis, mercadológicos.

Assim, quando o conhecimento alia-se à síntese e à técnica, quando o pensar perde sua validade se não agregado à aplicabilidade científica, os valores do homem moderno constituem e comprovam a deturpação do mundo que lhe acolhe. Na movimentação, pode-se avistar a cultura tropeçando, sofre, na própria inexistência de um espaço para a reflexão. A pressa que se instaura nesse ambiente produtivo, esboça a própria imagem desse mundo moderno: a necessidade de conjugar produção e consumo como imperativos, desvia do homem sua própria *humanidade*. A educação, nesse meio, serve à efemeridade do tempo que é o da técnica e do compasso. O útil demanda todo o espaço da apresentação e o sentido de ser do mundo é então sobreposto pelo puro estar-aí. O *dasein* heideggeriano pode então servir de contorno ao habitante do mundo moderno, para quem o *acontecer* nesse espaço-mundo é fato que encerra o próprio sentido. O que quer dizer refletir? O que é o pensamento? Ser **do** mundo perdeu o sentido; o estar **no** mundo se assegura estritamente na manutenção da vida biológica. O ciclo do *labor* e a repetição de suas variantes geram no tempo, a ausência de tempo. O homem moderno já não pode empenhar-se com pressupostos que o desviem da *direção* tracejada e o espaço de vida que lhe abriga tem a medida que se configurar sinteticamente neste ciclo de produção e consumo. Hannah Arendt assim configura a ausência de ação política para o ser a quem a condição do mundo moderno se instaura.

No espaço amostral de indivíduos que não se ajustam a nenhum valor duradouro e antes se prendem aos imperativos do conforto (da coleção dos produtos e artifícios tecnológicos) os fatos podem livremente

transitar entre a indiferença e a barbárie. Para pensar com Hannah Arendt: não há necessidade de romper com o ciclo bem arraigado do homem que centraliza sua vida nas relações de produção e consumo, o *animal laborans*: o contingente humano cresce a largas estatísticas e a manutenção de todas essas novas vidas ocupa o espaço-tempo necessário a sua aplicabilidade contrária. Não há porque pensar em **ser do mundo** porque, antes, não há tempo, interesse ou disposição para pensar além do que fornece o leque comportamental dos indivíduos da mesma espécie.

Refletir, com Hannah Arendt, é então perceber tais condicionantes a que o ser humano está submetido. E, ademais, quando a direção se estende da tentativa de resgatar o *amor mundi* a necessidade de visualizar o significado da ação em nosso meio, os elementos desse diagnóstico configuram-se como a própria atividade filosófica, se podemos entender a filosofia como reflexão sobre e no mundo. Se nada indica prontamente, o caminho de sua reflexão revela a condição a que está submetido o homem, quando ausentes a atividade crítica e a ação política.

É, pois, com o advento de ter nascido e para validar a habilidade humana de instaurar o novo, que a ação plural pode ser então conectada. A natalidade, artifício que consolidaria cada nascimento como a habilidade de instaurar o novo e destinar ao mundo possibilidades humanas distintas daqueles que acompanham tão somente a necessidade de sobrevivência, é então o modo como a condução do pensamento arendtiano faz desembocar no *amor mundi*. Ora, o sentido da ação se instala na sensibilidade desta percepção. E a pluralidade se faz imperativa quando ao seu pano de fundo adiciona-se o cuidado com as gerações futuras.

Assim, com o *diagnóstico* e a partir dele, pensar a educação, através do caminho fornecido por Arendt, é antes perceber que a necessidade do cuidado com as gerações futuras, não permitindo que os valores transmitidos através da tradição sejam desviados pelo império da valoração mercadológica do mundo moderno. Se é com Hannah Arendt que percebemos a ruína de um mundo onde o arsenal do **ter** se sobrepõe ao **ser** é também partindo da necessidade de intervir nesse

processo que a educação pode ser pensada. É, afinal, entendendo que outras questões se lançam além da intenção elementar de saber “por que Joãozinho não sabe ler.” (ARENDRT, 2000, p. 227).

Vale demarcar: pensar em educação é pensar na pertinência da autoridade e na necessidade que o processo educativo não venha a eliminá-la – como se faz intenção na junção pedagogia com psicologia moderna. É com a autoridade do mestre que os valores da tradição são transmitidos e conservados. Autoridade que, com efeito, difere essencialmente do autoritarismo, vem a instaurar a pertinência da reflexão em um mundo cada vez mais bombardeado pela novidade, pela instrumentalização do saber. Para reativar a percepção de cuidado com o mundo ou, antes, para fazer valer a ideia de cada nascimento como pertencente e atuante no cenário de ações plurais que com Hannah podemos entender o papel da transmissão do saber. Entender e fazer ressurgir a pluralidade entre os habitantes e pertencentes ao mundo é onde o processo educativo pode fixar suas bases, e é ao legado arendtiano que podemos recorrer para que insurja a educação tal qual uma atitude frente o mundo de interações humanas, dado o perigo de que a ação política venha a desaparecer do mundo de vez.

Nesse percurso, é a Nietzsche que também podemos recorrer quando vigora a necessidade de desviar do humano a condição sintética de reproduzidor dos valores do mundo moderno. Distantes da sistematização dos dois pensamentos, tanto Nietzsche quanto Hannah Arendt mediam a reflexão que conduz a um novo homem, se por novo entendemos a renovação abarcada em cada nascimento e as infundáveis possibilidades do pensar e do sentir.

Se é com o diagnóstico que emerge a força da ação reversa, é a educação uma aliada na tomada de consciência – quer visualizemos de imediato a necessidade da atitude política frente ao mundo, quer entendamos por necessidade primeira o trato com as potencialidades estéticas e o afrontamento das pretensas metáforas do conhecimento instrumentalizável. Afinal, quando o conhecimento técnico impõe a demarcação de seus interesses e quando ao homem já não

é dado um saber que não se atrele ao ciclo bem enraizado da produção e consumo, à educação cabe o esforço para que ela mesma venha a promover a consciência que promova a atividade elementar de pensar. Sobre tudo sobre a própria condição do tempo que esse pensamento está inserido e a partir do resgate da condição humana, que tanto em Nietzsche quanto Arendt se faz imperativo.

Com Nietzsche

Em Nietzsche, tudo é força e ímpeto. Quando investiga e critica a condição a que está submetido o mundo moderno, quando ataca a cultura do seu tempo, quando propõe um retorno aos valores clássicos, seu pensamento remete direta ou indiretamente à preocupação com a formação de um outro ser humano. Com Zarathustra, foi buscar nas montanhas a reclusão necessária ao pensamento original, mas suas falas não se estabelecem prontas e delimitadas. A voz que faz ecoar dentre um escrito ou outro, deixa entrever os imperativos do espírito livre, solícito daquela liberdade tão cara à espécie humana: a condição de ser livre e vivenciar elementos estéticos que não se filiem à técnica. E, então, quando já quase não conseguimos separar o pensamento de sua respectiva aplicabilidade, ora comprometidos com a pressa moderna, ora quase esquecidos da própria condição humana que a válida, Nietzsche apresenta a atividade de pensar – por si e em si. Filosofar com um martelo é sua tentativa de derrubar grandes crostas de certezas instauradas e fazer reaparecer aquela fluidez do homem grego que se perdeu quando a metáfora foise enveredando resoluto.

A tentativa original de propor ao pensamento a crítica ao seu próprio tempo, a valorização da vida e o experimento de validar o sentir estético, encontra respaldo **também** em Nietzsche. É por essa via que o desenho da cultura no mundo moderno pode ser intermediado e com ela uma investigação acerca do papel da educação.

Entendendo todos os desvios e contratempos que a *tarefa* impõe, pensar com Nietzsche é pensar a partir da experiência de sua filosofia, e, descontados as incongruências do intento, sugar-lhe o que se fizer trans-

correr a partir dessa impulsão de afirmação da vida – que foi sua maior arma. O leitor de Nietzsche logo percebe que seu pensamento é crítica, acidez e fluência, simultaneamente. Afinal, é em si amostragem do exercício da criatividade humana, quando ao pensar é permitido aquela flexibilidade que o engessamento racional desviou.

Assim, talvez a melhor forma de iniciar uma referência a Nietzsche, esquivados da tarefa biográfica e da apresentação sucinta, seja mesmo pensá-lo poeticamente – quando com a poesia nos permitimos um distanciamento do seu cárcere analítico e formal. A poesia que, afinal – e nem é mais necessário que se diga, perpassa toda a obra de Nietzsche, desde seu aforismo mais sóbrio, até a crítica menos contundente – cerca-se do próprio estilo do fazer poético em um escrito intitulado “Da pobreza do riquíssimo”: “Hoje estendo as mãos/ às seduções do acaso,/ bastante esperto para guiar, tapear o acaso,/ como uma criança./ Hoje quero ser hospitaleiro/ com o mal-vindo,/ contra o destino mesmo não quero ter espinhos.” (*Quatro Poemas*; in: NIETZSCHE, 1983, p. 405). O acaso, enfim, elemento a que se alia o sentir, quando ressoa a voz de um Zaratrusta que não vem anunciar o caminho, mas antes caminhos a que todos devem seguir.

O “autocaminho” a que sugere o habitante das montanhas é sua forma de direcionar uma direção *além do bem e do mal* e fazer valer, em cada um, a procura pelo *melhor de si*. Zaratrusta educador não solicita seguidores, não sintetiza a imagem de saber inabalável, antes sugere a investida contra os mestres – tal qual em Wittgenstein está a sugestão de jogar a escada fora depois de ter escalado através dela. Pensar a Educação, com Nietzsche, é antes percorrer o caminho que traçou com sua poesia e seguir uma direção que possibilite ao humano desvencilhar-se das amarras que a todo peso o mundo moderno vem instaurar.

Ao incitar a consolidação do homem intuitivo, ao oferecer sua própria vida e literatura como experiência, e ao ser, Nietzsche, uma forte voz de combate crítico ao mundo moderno, sua filosofia se agrega ao esforço de pensar, junto com a educação, propostas para a instauração de um pensamento livre,

longe de todas aquelas amarras que apreende o seu foco em linhas demarcadoras advindas da sobreposição do uso da Razão. É com ele que *outra* cultura pode ser pensada ou que outra relação da razão com o sujeito pode ser empreendida e a partir de então seus derivantes.

Dentro do contexto das vivências contemporâneas, onde claramente se evidencia a educação direcionada ao conhecimento instrumentalizável e direcionado a fins delimitados, a filosofia perde sua força e mantém-se a cargo do que deveria ser-lhe oposição. Os impulsos vitais são afogados pelos ditames da razão e a capacidade criativa que haveria de constituir-se como essencial característica humana é esquecida ou tem sua direção desvirtuada pelos valores morais. É quando a crítica de Nietzsche vem a legitimar carências que também são as nossas e que verificamos a cada vez que observamos nosso sistema educacional. Sua condução à filosofia dionisíaca fornece-nos uma fresta perante a adquirida inabilidade de expressarmos nossa marca humana demasiada – descobertas, sentidos, experimentações – se assim não dispusermos dos meios financeiros para abarcá-las através do *ter*.

Com efeito, o homem científico encontra-se contornado pelas imposições que submete e está submetido em seu tempo. Tem o corpo engessado pela necessidade de direcionar o conhecimento para fins práticos: precisa a todo custo empreender o tempo que lhe cabe de vida à atividade de codificar e decodificar a vigente dominação da técnica. A excelência com que o conhecimento sistemático se alastra no contexto das relações sociais dita o formato que deve ter o conhecimento. É então que se conflagra a crítica nietzschiana à educação de seu tempo – por sobrepor a técnica e estorvar a possibilidade humana de vivenciar os valores estéticos ou, enfim, todos aqueles valores que se aproximam da experiência do sentir, da Arte ou, enfim, do que constitui os valores originalmente humanos.

Com Nietzsche, entendemos que o conhecimento deve estar conectado ao conjunto das vivências humanas, e, portanto, dizer que a Razão é o aparato superior e com ela o conhecimento científico, é desvirtuar uma

condição demasiada humana. Condição humana: aquela, em suma, que se aproxima do âmbito das experiências dos homens, e mantém acesa a chama do *fazer criativo*. O conhecimento, enfim, não pode ter por objeto entidades ideais autônomas. Quando o homem direciona sua força subjetiva à caça das respostas últimas, quando empreende com a linguagem a *decodificação* para o mundo e os conceitos se estabelecem enfáticos, a habilidade humana de instaurar o novo e valer-se da aleatoriedade que o sentir promove perde a direção. Assim, o que há é um esquecimento: a linguagem arraigada e seus entroncamentos tão bem estabelecidos desviam o que se faz corpóreo e instintivo. Quando o esforço do homem está voltado à apreensão incondicionada do conceito, ele já não pode legitimar a experiência criativa. O intento da técnica racionalista, que se impõe significativamente aos formatos do mundo moderno, configura o modo como o conhecimento deve vigorar em seu meio, fazendo do impulso inventivo recurso dispensável. O conhecimento, dessa feita, condiciona-se às necessidades práticas das relações humanas e a sua instrumentalização se faz imperativa.

Considerações Finais

Pensar a Educação é pensar na valoração que esta atividade absorve, no mundo moderno. É entender o que media, a quem serve, o que provê. É, também, entender a linguagem dos procedimentos didáticos, destinando atenção à tentativa da pedagogia de promovê-la da melhor forma possível. Mas, sobretudo, percorrer os questionamentos da Educação é não esquivá-la de originar o pensamento crítico acerca dos valores vigentes na sociedade, para que através de suas vias a herança da tradição não se perca na urgência mercadológica. O legado arendtiano instaura suas bases na proposta que a ação não ceda lugar a uma elementar amostragem do comportamento humano. A atitude política há de ressurgir com a consciência de sua necessidade para o bom funcionamento social e para o aprimoramento de cada ser que nasce para o mundo. É, pois, no cuidado com as gerações que se sucedem que o homem afirma sua condição humana. O senti-

do de existir se assenta em ser **do** mundo e pensar a Educação é pensar nessa condição elementar através de meios, possibilidades, interpretações. É achar o melhor lugar para cada vida que se fixa nesse espaço-tempo e validar em cada nascimento a possibilidade de instaurar o novo, a mudança que entenda a si mesma e que tenha no pensamento suas bases mais sólidas.

Quando, sobretudo em nosso tempo, a atividade do pensamento cada vez mais se ausenta dos elementos intuitivos que lhe é natural, e quando o potencial da força humana está preso à repetição das normas estabelecidas na modernidade, e mais se atrela aos ditames da sociedade de consumo, pensar a educação é pensar sua aplicabilidade como antídoto a toda característica moderna detectada por Nietzsche – bem como por Hannah Arendt. O legado conceitual da *filosofia do diagnóstico* já nos fornece elementos suficientes para entendermos as configurações do mundo moderno. Resta então que, a partir do – e com o aparato crítico, lancemos os germes do pensamento interpretativo nos meios que lhes são oferecidos. Para que, assim, o processo de formação humana esteja conectado à afirmação da vida, à vivência estética em sua experimentação e ao jogo demasiado humano de existir.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Odílio Alves. Condição Humana e Educação em Hannah Arendt. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 23-42, 2008.
- ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2009.
- ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- _____. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.
- _____. *A vida do espírito – O pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORREIA, Adriano (Org.). *Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DIAS, R. M. *Nietzsche educador*. São Paulo : Scipione, 1993.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. São Paulo: Autêntica, 2004.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

_____. *Nietzsche. A transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. *Extravagâncias. Ensaio sobre a Filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Unijuí, 2001.

NIETZSCHE, F. *Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Escritos sobre educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (coleção *Os Pensadores*).

_____. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Para além de bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Porta, Mario Ariel González. *A Filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.